

ENTRE-MEIOS: OCUPAR E TRANSBORDAR AS FERRAMENTAS ONLINE NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA LINGUÍSTICA

Gabriel Agostinho Piazzentin¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O artigo tem como finalidade discutir temas como a divulgação científica em meio às tecnologias de conhecimento e informação. Para tanto, será realizado um percurso teórico que considera como contraditório este lugar, ao se observar a necessidade de ocupá-lo e de compreendê-lo, bem como seu uso depende de variáveis mais ou menos articuláveis, como no caso de algoritmos. O propósito do texto é mais o de levantar questões que concernem às temáticas citadas, com a finalidade de problematizar elementos da divulgação científica que, sem dúvida, tem a necessidade de atravessar as questões da tecnologia ao passo em que estas ainda são um terreno incógnito de novidade, tanto para usuários como para produtores de conteúdo. No meio disso tudo, considera-se o deslocamento do sujeito-divulgador: não mais sendo essa função ocupada por um jornalista que cobre a área de ciência, mas sim, tendo como lugar central os próprios pesquisadores. Dessa forma, problematiza-se, também, o aspecto das ciências humanas na atualidade, com ênfase na ciência linguística, como objeto a ser divulgado.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Redes Sociais. Ciências Humanas. Linguística.

Abstract:

The article aims to discuss topics such as scientific divulgation through knowledge and information technologies. To this end, a theoretical course will be undertaken that considers this place as contradictory, when observing the need to occupy and understand it, and its use depends on more or less articulable variables, as in the case of algorithms. The purpose of the text is more to raise questions concerning the themes mentioned, in order to problematize elements of scientific divulgation that undoubtedly has the need to cross the issues of technology while they are still an unknown terrain, new for both users and content producers. In the midst of all this, it is considered the displacement of the subject-disseminator: this function is no longer occupied by a journalist who covers the area of science, but rather, having as its central place the researchers themselves. Thus, we also problematize the aspect of the human sciences today, with emphasis on linguistics science, as an object to be disclosed.

Keywords: Scientific Divulgation. Social Networks. Humanities. Linguistics.

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade (ECO, 2016)

Introdução

Ao se considerar a dimensão da divulgação científica, é cada vez mais imprescindível incluir, também nesse contexto, o aspecto que concerne à função e capacidade da tecnologia, em especial, as redes sociais e as relações destas pela via dos dispositivos móveis. Dessa forma, fala-se muito em *uma* tecnologia, todo-poderosa em sua função utilitária, como se esta fosse resolver os atuais problemas que se vive por conta dela mesma, como por exemplo o uso

¹ Graduado em Linguística pela Unicamp e em Jornalismo pela Unimep. Mestrando do programa de Divulgação Científica e Cultural, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Unicamp.

crecente de redes sociais, com seus bilhões de usuários, ou de casos em que *bots* e *fake news* capazes de orientar pontos de vista põem em xeque democracias em todo o mundo. Ainda, tem-se movimentos cada vez maiores de pessoas contrárias a vacinas, causando aumento de casos de doenças que até então estavam praticamente erradicadas e que, por sua vez, se tornaram problema de saúde pública.

De fato, se existem essas questões que permeiam as relações entre tecno-usuários e sociedade, isso se dá pela razão de que alguém, humano, inseriu essas peças no jogo das relações digitais, com a capacidade de afetar o que ocorre fora desse mundo digital. Aponta-se, com isso, para uma complexa tensão entre usuários, tecnologia e sociedade.

O intuito do artigo é adicionar, ainda, mais um componente: o do lugar da divulgação científica neste cenário, inclusive considerando-se o lugar das ciências humanas enquanto objeto a ser divulgado. Conforme Righetti e Gamba (2019), o entrave que envolve o atual governo federal brasileiro e as ciências, em especial as humanidades, é evidente nos discursos e nas atitudes de críticas e contingenciamento/corte de verbas.

A princípio, era uma medida que ocorreria apenas em determinadas universidades federais. Adiante, a medida tomou conta de todos os segmentos de pesquisa e ciência produzidos nesses institutos de ensino superior. É de se lembrar, inclusive, os argumentos utilizados por políticos de alto escalão, conforme citado por Righetti e Gamba (2019), de que essas áreas, de humanidades, não teriam “retorno imediato ao contribuinte” e que, por isso, deveriam ser priorizadas outras áreas, como engenharia e veterinária.

Ora, se existe margem para ocupação de determinados pontos de vista, como os orientados ideologicamente conforme exemplos citados, é possível, ainda, ocupar-se também de redes sociais, como forma de resistência, contrária a estes. O argumento é considerar um aspecto de ocupação a partir da ciência/divulgação científica.

Entretanto, isso não significa que de fato haverá reação e, quem sabe, com isso, tornar-se portador de um discurso dominante. Nem que, como se verá adiante, o uso de tecnologias como as redes sociais garantiriam resultados esperados. O que fica, porém, é o levantamento de ideias e de argumentos que considerem os temas da tecnologia e da divulgação científica.

Pois, a partir da epígrafe de Umberto Eco que abre esse artigo, o que se tem notado na atualidade é a voz destes ditos *idiotas* não apenas como associados a um certo pensamento que se tornou dominante por parte da sociedade, mas, inclusive, a ponto destes ocuparem cargos institucionais em governos, levando adiante essa carga ideológica de cruzada obscurantista com forte discurso anticientífico.

Também, conforme visto no EDICC 6², percebeu-se, nas palestras e apresentações, uma necessidade crescente de cientistas, pesquisadores e divulgadores de ciência, em se posicionar diante de tais fatos. Não apenas por divergência político-ideológica, mas sim, por conta de que este viés dominante anticientífico tem tomado parte do imaginário coletivo. Dessa forma, sendo pesquisadores e acadêmicos aqueles que lidam diretamente com ciência e conhecimento, seja na produção ou na sua divulgação, nota-se a preocupação destes atores em tomar posição, valendo-se da tecnologia como sua ferramenta principal.

Inclusive, será utilizada a definição de Guimarães (2001, p. 32, grifo meu) acerca do discurso científico, estabelecido como “uma relação imaginária entre o *divulgador*, o cientista e o público leitor”. Observa-se a indefinição de quem é este divulgador, no sentido de que, frequentemente, como será exposto, esse papel cabe a um jornalista especializado na área de ciência. Ainda,

O que ocorre, de um ponto de vista discursivo, é o entrecruzamento de diferentes espaços de significação: o do meio de divulgação, o da ciência e o do universo do público leitor. É nesse entrecruzamento que vemos a constituição do imaginário da descoberta. Está em jogo aí a homogeneidade/heterogeneidade dos campos de saber, a migração de sentidos de um domínio a outro e as diversas formas de agenciamento desses campos de significação (GUIMARÃES, 2001, p. 32).

Entrecruzamentos, ou entremeios. A partir dessa perspectiva de confluência de diferentes segmentos que envolvem a prática da divulgação científica que este texto será ancorado.

1. Chegamos até aqui: e agora?

À primeira vista, a atitude que deve ser feita quanto à questão levantada parece óbvia: divulgar ciência(s) na internet. Em tão curta definição, ao se considerar cada um dos termos dela, tem-se desdobramentos para outras perguntas, por exemplo: o quê divulgar dessas ciências, de qual ciência se diz, de que forma divulgar, para quem, com qual finalidade?

Ainda, ao se falar em internet/redes sociais, o conceito também soa simples, apesar de não o ser. Pois, argumenta-se se a técnica está disponível, bastaria usá-la. *Mas de que forma?* E no mais, ao se pensar produção de conteúdo baseado em discurso científico, o espaço digital já

² Encontro de Divulgação Científica e Cultural, de 2019, evento promovido por discentes do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor da Unicamp.

está ocupado por pessoas e perfis de grande relevância, ao mesmo tempo em que existe o espaço para cada usuário tentar sua própria ocupação.

É possível traçar um paralelo a respeito da atualidade e o funcionamento do que se tem hoje acerca da técnica, e o que eram os meios de comunicação há quase um século, quando se iniciaram os primeiros estudos em teoria da comunicação, nos anos de 1930. Valendo-se de um período de grandes guerras mundiais (eis um caráter ideológico³, presente tal qual nos dias de hoje, embora com dimensões diferentes), os grandes meios de comunicação (*mass media*) começaram a pensar melhores formas de atingir seus públicos, *através* de jornais, de rádio e da publicidade. Destaca-se o “através” da frase anterior como forma de reiterar o aspecto de, de fato, atravessar a massa, chegar até ela.

A discussão, daquela época, ecoa em Brecht (2007, p. 227), em que, ao comentar sobre a função do rádio, o autor diz que “a técnica pôde adiantar-se a tal ponto que engendrou o rádio numa época em que a sociedade não estava madura para acolhê-lo”. Neste texto, ressalta-se o tom de, na ocasião (meados dos anos 1930, do texto original) não se saber ainda o que fazer com tamanha novidade, como a do rádio, e que uma das alternativas seria ocupar este veículo, politicamente. É o mesmo argumento que permeia o artigo aqui presente. Talvez hoje, ao se pensar em tecnologias de comunicação, ainda se esteja nos mesmos primórdios de tecnologias passadas, que também resultaram em discussões e teorias, tendo sua consolidação apenas décadas mais tarde. Seria neste mesmo contexto que temas como conhecimento, tecnologia e divulgação científica se encontram na atualidade.

Posto isso, considerar os meios de atingir determinados públicos nas tecnologias de hoje é também alvo de atenção, mas o conhecimento acerca da técnica encontra-se em paradoxos de proximidade e distanciamento. O primeiro, por se tratar de algo próximo aos usuários — qualquer um pode ter um *blog*, um canal de *YouTube*, um perfil de *Facebook*. A democratização da informação é vista com bons olhos, inclusive necessária, dando voz a quem não as tinha antes (PIAZENTIN et al., 2018), mas nada impediu que este vácuo fosse também ocupado por discursos os mais absurdos possíveis, como no caso de pessoas favoráveis às ideias antivacinas e terraplanistas.

Ou seja, não existe mais a necessidade de estar inserido em determinados meios de comunicação, de ser um jornalista especializado em ciência atuando em jornal ou revista, como

³ Por “caráter ideológico” leia-se: o aspecto belicoso da guerra propriamente dita e, conseqüentemente, das relações de exploração capitalista inseridas no complexo militar-industrial, bem como a atuação de mídias como o cinema, o rádio e o jornalismo como forma de propaganda política.

outrora se dizia a respeito da divulgação científica. Ora, *o meio é a mensagem!* Assim, tanto meio como mensagem mudaram nesse tempo. Mas a massa não é a mesma de antes.

A massa da internet é disforme, dispersa, não pode ser atingida ao mesmo tempo, já que cada um tem o próprio *timing* de consumir informação⁴. Tem-se uma falsa ideia de que ela é o meio de comunicação mais ágil do que os outros meios que vieram antes. Até com isso, a própria relação dos sujeitos com o tempo e a informação foram alterados em pouco mais de uma década de inserção dos modelos de *smartphone* da forma que se conhece hoje.

Ainda, quanto ao distanciamento, este se dá pelo material produzido ter a possibilidade de não chegar de igual maneira a todos os usuários, em decorrência de algoritmos que controlam o que *pode e deve ser visto* nas redes sociais. O grifo da frase anterior tem referência no conceito de formação discursiva, de Orlandi (2010, p. 43, grifo meu), que a autora define como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma *conjuntura sócio-histórica* dada – determina o que pode e deve ser dito”. O destaque se dá pela razão de que estas conjunturas mudam com o tempo, e que, o que é dado como definido na atualidade pode não ser o mesmo daqui alguns anos.

Atenta-se, com isso, para: se hoje existe a predominância das redes sociais, vista por alguns como uma mera forma técnica de caráter utilitário, articulada a partir de algoritmos para definir determinados tipos de comportamento com certa finalidade (p.ex., ao se criarem bolhas sociais para que os usuários passem mais tempo na internet consumindo publicidade das redes sociais), isso pode ser modificado. Mas isso só se daria a partir de uma tomada de consciência de ambos atores, usuários e provedores dessas redes sociais, a partir dessa reflexão a respeito de uma possível necessidade de mudança de regra de consumo e relação entre usuário e rede social. Nestes entremeios de ilusão, liberdade e de paradoxos que o tema presente se encontra. Ainda, adicione-se outro componente: o relacionado à divulgação, em si.

2. Divulgar o quê, para quem, quando, onde, como e por quê?

O intertítulo apresenta questões que ainda hoje são norteadoras de *leads*⁵ de notícias. Lembra o modelo de Laswell, de 1948, em que o autor aponta que os processos comunicativos devem responder a uma ou mais dessas perguntas: quem, diz o quê, através de qual canal, com que efeito? (WOLF, 2008, p. 12). À época, Laswell foi grande responsável por análise de conteúdo em propagandas publicitárias, estendendo suas ideias para outras áreas da

⁴ Poder-se-ia fazer uma grande discussão a respeito de conceitos como informação, conhecimento, conteúdo, dados e ciência, mas não caberia aqui.

⁵ Convencionou-se responder a estas perguntas no primeiro parágrafo de texto de noticiário, eis o *lead*.

comunicação. Sendo a reflexão proposta aqui como integrante da área de divulgação científica, nota-se a possibilidade de passar por esse tema, da comunicação, tendo como enfoque o aspecto da tecnologia.

Barata (2019, p. 95-96) aponta para a necessidade do uso de redes sociais como forma de comunicação relevante entre ciência e sociedade. A autora levanta dados como o fato de o Brasil ser o quinto maior em quantidade de usuários do Facebook. Ainda, que no Brasil existem 120 milhões de usuários de internet (maior número na América Latina), e destes, 80% acessam redes sociais.

São números de expressão inegável, que corroboram a possibilidade de democratizar a informação, tendo em vista publicações acadêmicas de acesso aberto e tantas outras iniciativas, como o *Blogs Unicamp*, o *SciCast*, a *Revista Roseta* (de divulgação da linguística) etc. A autora diz que, com isso, “apagam-se as fronteiras entre cientistas, *jornalistas* e público e surge a *rica oportunidade de inovação, colaboração e engajamento*” (BARATA, 2019, p. 98, grifo meu).

Entretanto, vale destaque para o termo “jornalistas”, também do excerto anterior. Diversas bibliografias acerca da divulgação científica veem no jornalista científico o papel de divulgador (p.ex. Guimarães 2001, Boas 2005, Massarani *et al* 2005, etc). Note-se que são todas bibliografias pré-2007, ano de lançamento do primeiro *smartphone* da forma com que se popularizou hoje. Sendo este um computador pessoal *e de bolso*, é necessário considerar também a dimensão da era dos dispositivos móveis (PIAZENTIN, 2018) como peças fundamentais no jogo da comunicação. Ou ainda: inserir no contexto da divulgação científica os próprios cientistas. Pois:

[...] o discurso de divulgação científica parte de um texto que é da ordem do discurso científico, e, pela *textualização jornalística* organiza os sentidos de modo a manter um efeito-ciência, ou, dito de outro modo, encena na ordem do *discurso jornalístico*, através de uma certa organização textual, a ordem do *discurso científico* (ORLANDI, 2001, p. 27, grifo meu).

Escrever sobre tecnologia, de certo modo, é tarefa ingrata pela razão perecível com que as novidades se sobrepõem neste meio. Ao falar sobre divulgação da ciência em 2001, o cenário é muito diferente do que se encontra hoje, em 2019, com o acesso à internet banda larga, de dispositivos móveis e, em especial, a redes sociais e diversas plataformas. Seria inconcebível de se pensar, à época da citação de Orlandi, algo como *podcasts* de ciência, produzido não por jornalistas, mas sim, pelos próprios cientistas e pesquisadores de suas respectivas áreas. De igual modo, superar-se-ia a relação vista como cerne da divulgação científica entre dois discursos, jornalístico e científico (cf. Orlandi, 2001, p. 23). Assim, desloca-se o lugar do

divulgador/jornalista, atento àquilo que é de interesse a seu determinado público, distanciando-se de critérios de notícia utilizados pelo jornalismo.

De fato, *pesquisadores* não são *comunicadores*, e uma questão pertinente quanto a essa “dupla jornada” (de pesquisar e comunicar) seria a própria linguagem. Os cientistas valem-se de jargões como forma de conceitos pré-estabelecidos ao longo de anos de leitura e pesquisa. Uma dificuldade seria aquela que é a tarefa do divulgador científico, o de traduzir de um meio, científico, a outro, não-científico.

Entretanto, esse mesmo movimento é frequentemente encarado como uma forma de pauperização do conhecimento científico, e, por consequência, alvo de crítica por parte dos próprios cientistas, visto como “vulgarização do saber” (NUNES, 2001, p. 31). Se o centro de divergências entre cientistas e pesquisadores está, também, na própria dificuldade de contato e de se fazer entender entre ambas as partes (OLIVEIRA, 2018), uma das alternativas seria ocupar o espaço da divulgação científica pelos próprios pesquisadores.

3. Ciência!... da linguagem?

Sabe-se do estatuto da Linguística⁶ enquanto ciência por meio de sua institucionalização, conforme levantamento encontrado em Ferreira (2013). Inclusive, quando da criação da Unicamp, à época a Linguística tinha como seus discursos fundadores (cf. ORLANDI, 1993, p. 13): “a Linguística é a ciência da linguagem” e “a Linguística é a ciência-piloto das ciências humanas” (FERREIRA, 2012, p. 202).

Como lugar de passagem no percurso⁷ (não sendo, de nenhuma maneira, um ponto final), chega-se ao momento de tecer algumas linhas acerca da proposta inicial. O intuito, aqui, tem sido o de trazer para questões a divulgação científica, a tecnologia, o divulgador, tudo isso num contexto de uma ciência em específico. Pois, ao se referir às ciências humanas, tem-se uma questão posta na base de todo o processo:

A linguagem sempre está investida na produção do conhecimento, não apenas como um mero instrumento, mas como parte do próprio processo de constituição do saber, da construção do objeto de conhecimento, da sua compreensão, e da interpretação do que significa o conhecimento produzido no conjunto da produção científica de que participa, na conjuntura histórico-social (ORLANDI, 2017, p. 241).

⁶ O exemplo de divulgação científica da Linguística é tema de meu projeto de dissertação de mestrado.

⁷ Este princípio pode ser visto em Piazzentin, 2019.

Divulgar conhecimento sobre a linguagem, então, encontra-se em *mais este* entremeio, em que objeto e público-alvo são diretamente afetados entre si. A mesma complexidade poderia se dar em outras áreas das ciências humanas⁸. Entretanto, chama-se a atenção para este espaço ser utilizado, pela disponibilidade existente e mesmo como forma de resistência a discursos como, por exemplo, que na universidade pública só se pratica balbúrdia, em especial nas ciências humanas. A este campo da divulgação científica é observado o papel do divulgador como um perito em tradução,

a quem é necessário recorrer em virtude de uma “ruptura” de comunicação na sociedade; mas no lugar da tradução, por um trabalho de vaivém entre as línguas, de busca equivalente, de tateamentos, etc... produz um texto segundo que, homogeneamente em língua de chegada, substitui um texto da língua fonte, a D.C.⁹ representa, em discurso, a colocação em contato de dois discursos, constrói uma imagem da tradução em andamento, através de um fio de discurso explicitamente heterogêneo (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 12).

Um exemplo recente acerca do exposto: uma notícia de O Globo (2019), a partir de postagem da revista *Science* que, por sua vez, coletou dados da pesquisa *Wellcome Global Monitor 2018*, aponta que 35% dos brasileiros desconfia da ciência, que 1 a cada 4 acredita que a contribuição científica não contribui para o país. Quase metade dos brasileiros entrevistados disse que “a ciência discorda da minha religião” e, destes, 75% preferiam escolher a religião quando ela divergir da ciência.

Dois apontamentos podem ser dispostos à primeira vista. Primeiro, o papel não apenas de percepção pública da ciência (*qual* ciência, não é dito), mas da existência da sobrevalorização de um discurso religioso na contramão do científico. Até por isso, não é de se estranhar que a imagem da pesquisa em universidades brasileiras seja vista com descrença e com ares de crítica, como por exemplo no caso de que nas universidades públicas brasileiras só existem pessoas peladas (LOPES, 2019).

Ao se questionar qual ciência, a proposta é a de apontar que se uma imaginação de o que se teria de discurso científico (como o médico, químico, físico etc.) já é alvo de desconfiança por uma parcela considerável da população brasileira que coloca acima disso suas crenças pessoais, que dirá ao se considerar as ciências humanas. Aponta-se para elas, as humanidades, pela proximidade com relação às sociedades e a maneira com que elas podem se

⁸ Ainda que existam canais como o *Leitura Obriga HISTÓRIA*, de História, e o *Tese Onze*, de Sociologia, entre tantos outros.

⁹ D.C.: Divulgação Científica.

identificar e compreender-se, mesmo sem a profundidade acadêmica que se tem ao estudar esses campos de conhecimento.

Em especial quanto ao aspecto da linguagem, já que se é, de forma inevitável, sujeito de linguagem e o mundo se representa e se significa a partir dela. É uma relação tão próxima, tão óbvia para com cientistas e não-cientistas, e que ainda assim ou não é considerado como ciência, ou, ainda, mesmo que fosse, já teria sobre si as outras ciências, diria, tradicionais, “duras”, como já sendo desacreditadas por boa parte dos brasileiros.

Além disso, ressalta-se o aspecto da tradução, conforme excerto de Authier-Revuz (1999), pois o texto de *O Globo* é uma postagem da revista *Science* que, por sua vez, tem como fonte original o site da pesquisa sobre a percepção da ciência (WELLCOME, 2019), feita no mundo inteiro, com mais dados do que encontrado nas duas postagens de “tradução”, com explicação de metodologia utilizada etc. Em *Science* (2019) a publicação se deu no mesmo dia do resultado da pesquisa, considerando um aspecto global dela nos resultados “traduzidos”; já em *O Globo* optou-se por trazer apenas o recorte nacional brasileiro, citando-se as fontes, tanto a *Science* como a *Wellcome Global Monitor 2018*, caso houvesse interesse de o leitor se aprofundar na pesquisa e em seus resultados.

Considerações finais

O título do artigo, *entre-meios*, como visto, corrobora com a ideia de o assunto levantado aqui ser, mesmo, o de um ponto atravessado por diferentes perspectivas que dialogam entre si, como por exemplo a divulgação da ciência, da tecnologia e a discussão sobre ciências humanas. Não existe resposta fácil, como visto. Nem haveria alguém que se propusesse a responder de forma tão simples.

O que se tem, entretanto, é o levantamento dessas questões e de como elas estão interligadas, em especial a respeito do caráter de questionar as novas tecnologias enquanto necessárias nesse cenário complexo, ainda que, como pano de fundo, estejam tantas outras questões referentes a seu uso que passam despercebidas ou não tensionadas o quanto necessário fosse.

Esse jogo de tensões é o próprio reflexo de tensões exteriores aos indivíduos. São elas de cunho político, ideológico, nunca passadas de forma ingênua e sem intenções — mesmo o discurso científico não está isento de uma colocação político-ideológica. É neste emaranhado complexo de disputa de poderes, inclusive pela própria tensão que tem como origem a relação de poderes da linguagem, enquanto sua forma de significar o mundo (e significar a si mesma) que essas linhas são traçadas.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e divulgação científica. *RUA*, v. 5, n. 1, p. 9-16, 2015.
- BARATA, Germana. É hora de institucionalizar as redes sociais como meio de comunicação relevante entre ciência e sociedade. In: KANASHIRO, Marta Mourão; MANICA, Daniela Tonelli (Orgs.). *Ciências, culturas e tecnologias: divulgações plurais*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019. p. 95-106.
- BOAS, Sergio Villas (Org.). *Formação & informação: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2005.
- BRECHT, B. O rádio como aparato de comunicação: discurso sobre a função do rádio. *Estudos Avançados*, v. 21, n. 60, p. 227-232, 2007.
- ECO, U. *6 ideias memoráveis do escritor Umberto Eco sobre redes sociais e tecnologia*. 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *Uma história da linguística: entre os nomes dos estudos da linguagem*. Campinas, Editora RG, 2013.
- GUIMARÃES, Eduardo. O acontecimento para a grande mídia e a divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001. p. 13-20.
- _____. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001.
- LOPES, Gilmar. *Quais as origens das fotos mostrando alunos de universidades pelados?* 2019. Disponível em: <<http://www.e-farsas.com/qual-a-origem-das-fotos-mostrando-alunos-de-universidades-pelados.html>>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (Orgs.). *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- NUNES, José Horta. Discurso de divulgação. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001. p. 31-40
- O GLOBO. *Um terço dos brasileiros desconfia da ciência*. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/um-terco-dos-brasileiros-desconfia-da-ciencia-23754327>>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- OLIVEIRA, Carla Cristina Gomes de Souza. *A percepção dos pesquisadores sobre a importância de divulgar a ciência por meio da imprensa*. Campinas: BCCL/Unicamp, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993. p. 11-25.

- _____. Divulgação científica e efeito leitor. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001. p. 21-30.
- _____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2010.
- _____. *Eu, Tu, Ele: discurso e real da história*. Campinas, Pontes, 2017.

PIAZENTIN, Gabriel Agostinho; CRUZ, Thais Passos da; JACOMINI, Fernando; MOTA, Andressa Antunes da; PORTA, Beatrís Cortelazzi; OLIVEIRA, Daniela Borges de; OLIVEIRA, Gabriela Melo de; SOUZA, Larissa Pereira de; BENEDITO, Leonardo César; FOGAÇA, Mariana Requena; FIGUEIREDO, Vinicius Alexandre Moraes; LIMA, Lorem Camargo de; SILVA, Rosa Cardoso da; GARCIA, Wanderley Florencio; TURQUIAI JUNIOR, João; SOUZA, Ivonésio Leite de. *Jornal de Classe: Minorias em Pauta*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 23., 2018, Belo Horizonte. *Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste*. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/expocom/EX63-0199-1.html>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PIAZENTIN, Gabriel Agostinho. *Fake News: jornalismo, internet e fact checking*. 2018. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade de Comunicação e Informática, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/37WFpp4>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

_____. Balbúrdia! Divulgação Científica da Linguística: Caminhos, Tecnologia e Linguagem. In: ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL, 6., 2019, Campinas. *Caderno de resumos*. Campinas: Online, 2019. p. 66 - 67. Disponível em: <<http://edicc2019.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2019/06/Caderno-de-resumos-EDICC-6.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

RIGHETTI, Sabine; GAMBA, Estevão. *Ciências humanas levam Brasil à elite da produção científica*. Folha de São Paulo. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/folhasabine>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SCIENCE. *These are the countries that trust scientists the most — and the least*. 2019. Disponível em: <<https://www.sciencemag.org/news/2019/06/global-survey-finds-strong-support-scientists>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

WELLCOME. *Wellcome Global Monitor 2018*. Disponível em: <<https://wellcome.ac.uk/reports/wellcome-global-monitor/2018>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.